

Proletários de todos os países uni-vos!

AVANTE!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA (S.P.C.)



PORTUGAL NAS MÃOS DE HITLER

SA' AZAR, o traidor n.º 1 à Nação Portuguesa, dia a dia vende o nosso país à Alemanha e à Itália. Povo português, unamo-nos, corramos com os traidores e ergamos um PORTUGAL LIVRE E FELIZ

O governo acaba de romper relações comerciais com a Checoslováquia, fazendo acompanhar este acto de medidas de repressão policial contra cidadãos checoslovacos que se encontravam no nosso país e a quem o fascismo agora considera «indesejáveis».

Esta atitude foi motivada, como dissemos no último número do AVANTE, pelo facto de o governo checoslovaco, a quem Salazar encomendara armamento, se recusar a efectuar essa operação comercial, depois de ter constatado que esse armamento se destinava a Franco.

Mas este motivo é o mais superficial de quantos determinaram aquela atitude. As verdadeiras causas são outras, muito mais graves.

A Checoslováquia é o único país da Europa central onde se mantém o regime democrático e o fascismo tem sido batido. Além disso, a Checoslováquia mantém as melhores relações com a U.R.S.S., com quem firmou um pacto de assistência mútua da mesma natureza do pacto franco-soviético.

Estas circunstâncias, particularmente a última, têm impedido a Alemanha de já ter materializado o seu sonho de conquista da Checoslováquia.

Como preparação, do terreno para a sua grande ofensiva, a Alemanha procura isolar a Checoslováquia dos outros países. Isolada seria mais fácil absorvê-la.

E em vistas a este objectivo que a Alemanha fez as maiores intrigas na România e na Iugoslávia, para que estes países rompam as relações que os ligam à Checoslováquia por meio da Pequena Entente, que é constituída, como se sabe, por aquelas 3 nações.

Ao mesmo tempo, a Alemanha procura envencenar a Europa com calúnias acerca da Checoslováquia e dirige contra este país as mais abertas e insolentes provocações.

São conhecidas as calúnias postas a circular pela Alemanha de que a U.R.S.S. está construindo uma série de aeródromos na Checoslováquia.

Ainda há pouco tempo, por motivo de as autoridades checoslovacas terem punido um súbdito alemão, Weigel, que exercia espionagem em território checoslovaco, a Alemanha desencadeou uma campanha violenta de imprensa contra a Checoslováquia.

E precisamente na mesma ocasião em que Salazar rompia as relações comerciais com a Checoslováquia, a imprensa alemã declarava uma violentíssima ofensiva

contra a democracia checoslovaca, tomando como pretexto o facto de o governo checoslovaco não ter permitido que 5.000 crianças fossem a passar as férias à Alemanha, nos acampamentos da Juventude Hitleriana.

Em suma, o governo alemão procura, por todos os meios, isolar a Checoslováquia, para poder realizar sem entraves os seus planos de conquista deste país, importantíssimo pelo seu alto desenvolvimento industrial e por constituir um esplêndido ponto estratégico no centro da Europa — vibrando, ao mesmo tempo, um golpe nas amizades da França e da U.R.S.S., tudo com vistas à preparação da guerra mundial.

Vista à luz destes factos, a atitude

do governo português para com a Checoslováquia revela-se gravíssima. Salta à vista que a atitude do governo português não é obra do acaso.

Rompendo as relações com a Checoslováquia, tal como rompera as relações diplomáticas com o governo de Valência; colaborando com a Alemanha e a Itália na provocação diplomática de Fevereiro último, da România, caso que noticiámos no n.º 30 do nosso jornal; fazendo cõr com a Alemanha nos ataques à França e na sabotagem do plano de não-intervenção em Londres; e invadindo a Espanha, o governo de Salazar não faz mais do que obedecer às indicações de Hitler e do seu comparsa Mussolini.

ABAIXO A INTERVENÇÃO EM ESPANHA!

A ninguém já oferece dúvidas, porque ninguém ignora, que foi aqui, em Portugal, que se preparou e organizou a rebelião dos generais espanhóis. Toda a gente sabe também que Lisboa foi o centro de conspiração do Sanjurjo e dos outros generais traidores. Foi com passaportes passados pelo governo da ditadura portuguesa, foi com o auxílio das legações de Portugal, foi com armamentos saídos de Espanha, que os generais rebeldes puderam organizar a invasão da Espanha.

O fascismo português mobilizou todas as suas forças para alimentar a guerra que auxiliou a desencadear. Por ao serviço do fascismo internacional, neste negócio espanhol, todas as riquezas da nação, toda a sua vida. Portos, caminhos de ferro, estradas, géneros alimentícios, fábricas de material de guerra, tudo tem estado ao serviço de Franco, Mussolini e Hitler.

Os operários portugueses veem quase diariamente encherem-se com bombas com calixes de granadas, aviões desmontados, tanks e metralhadoras. Os camponeses veem passar às suas estradas dezenas e dezenas de cunhões carregados de material de guerra que irá matar os seus camaradas espanhóis. E isto tem-se intensificado de dia para dia, chegando nos últimos tempos quase ao delírio. O material de guerra que nos últimos dias tem atravessado o país ultrapassa tudo. A aproximação do exército republicano de Badajoz parece que os enlouquece. Já quasi que não distingam o seu fim tenebroso.

A população do Lumiar viu, num dos primeiros dias da semana passada, das onze para a meia noite, passarem, escoltados pela polícia, 20 chassis de camions, que se transformaram em carros de assalto. Poucos dias depois, seguiu, escoltado por legionários, um comboio de 18 camions, 16 carregados de material de guerra e 2 — o primeiro e o último, para disparar — com géneros alimentícios. As fábricas de material de guerra trabalham a todo o rendimento. Fábricas de dinamite, que antes da guerra tinham a laboração quasi parada, trabalham agora com dois turnos de operários.

Mas Hitler e Mussolini acham ainda pouco e Salazar obedece-lhes. É necessária a intervenção directa em Espanha. E Salazar acelera, à vista do povo português, a compra de armamentos que se destinam não a defender Portugal mas a atacar povos que querem viver em paz conhecido. Salazar prepara-se para colaborar mais abertamente na invasão da Espanha. Os legionários estão a postos. Em Elvas já abrem trincheiras. O regimento de Infantaria 16, de Lagos, se não marchou já, vai marchar para Elvas. O movimento de tropas no Alentejo é enorme.

Anti-fascistas! O momento é o mais crítico possível! É necessário agir, já, imediatamente! Só com a união de todos, com a junção de todos os esforços, conseguiremos evitar a catástrofe. É preciso evitar, custe o que custe, que Salazar faça de Portugal o que Franco fez da Espanha! É preciso opor uma barreira decidida à intervenção em Espanha!

O corte de relações comerciais com a Checoslováquia é mais uma prova de que o governo de Salazar se tornou um instrumento dócil e servil da política hitleriana; mas o pior é que Salazar não está a servir de borla os interesses da Alemanha contra os outros países.

Salazar está a servir os interesses da Alemanha contra o próprio povo português, contra o nosso próprio país, contra Portugal.

Pondo-se ao serviço da Alemanha contra os outros países, Salazar isola o nosso próprio país das outras nações, para o entregar desprotegido nos braços da Alemanha.

Tem sido este o resultado de toda a política de intervenção em Espanha, de obstrução às discussões de Londres, de ataque à França e finalmente de guerra comercial contra a Checoslováquia.

Salazar bem procura mascarar o nosso isolamento internacional com os artigos publicados em certa imprensa estrangeira e pagos a peso de ouro pelo Secretariado de Propaganda Nacional — isto é, pagos pelo povo português. Mas toda a gente suficientemente informada sabe que isso não passa de simples reclamos. A opinião pública inglesa, francesa e de todos os países democráticos repudia a atitude de Portugal. Em todos estes países o nosso país é tomado como um protectorado alemão e italiano.

A própria atitude do governo checoslovaco recusando-se a vender armamento ao nosso país, por o saber destinado a Franco, indica o género de «prestígio» que Portugal disfruta no estrangeiro.

Permitir que Salazar continue a sua trágica obra, é permitir o esfacelamento e a ruína da Nação portuguesa.

Povo português, trabalhadores, pequena e média burguesia, oficiais do Exército e da Marinha, intelectuais, patriotas: moços enganados pela demagogia fascista:

Se quereis impedir o afundamento de Portugal uni-vos e lutai contra o governo de traição nacional de Salazar! Derrubai-o!

Todos unidos como um só homem, lutai contra a intervenção de Portugal em Espanha, contra a preparação de guerra civil e o seu principal instrumento — a Legião Portuguesa, contra o enfundamento de Portugal ao eixo Berlin-Roma-Tóquio.

Lutai pela Paz!
Lutai por um Portugal Livre e Feliz!

Declaração de guerra civil pronunciada pelo legionário fascista **DURÃO FERREIRA**, no comício anti-comunista realizado no domingo, no Estoril.

Salvemos os presos, vítimas do fascismo!

Só assim alargaremos e reforçamos, ou melhor, criaremos um autêntico movimento de Frente popular, capaz de derrubar o fascismo!

REFORCEMOS E ALARGUEMOS O MOVIMENTO DA FRENTE POPULAR (III)

Como alargar a união já existente entre as várias organizações anti-fascistas, as largas massas da população laboriosa do nosso país? Ou melhor, como unificar o povo português em vistas ao desencadear dum forte movimento de Frente Popular, pela Paz, pela Liberdade, pela Independência de Portugal?

Supor que é possível unificar o povo português dentro duma organização legal é positivamente tomar a realidade pelos seus nós. Em primeiro lugar, a análise da realidade portuguesa indica-nos que só uma parte reduzida do povo português se encontra decidido a aderir a uma organização legal. Em segundo lugar, a nossa já longa experiência — que é uma parte integrante da experiência de todo o movimento operário internacional — prova-nos que, nas condições de uma rigorosa legalidade, se pode viver, agir e desenvolver-se um Partido fortemente unificado pelos seus objectivos políticos, regido por uma intlexível disciplina e que conduza uma luta sistemática e implacável contra a proclamação. E daqui o seguinte dilema: ou se cria uma organização nestas condições — e neste caso ela não será de massas nem de Frente Popular — ou se cria uma organização que despreze todas aquelas regras para poder admitir toda a gente e será desfeita facilmente pelo fascismo. Infelizmente, a nossa experiência é já bastante rica a este respeito.

A unificação do povo português terá, pois, de efectuar-se em condições muito particulares e próprias da situação em que vivemos. O P.C.P. considera que a verdadeira frente popular das largas massas da população laboriosa só pode ser realizada nos pontos em que se encontram as próprias massas — isto é, nos locais de trabalho e nas organizações legais — por meio da luta pela defesa dos interesses dessas massas e pela realização duma actividade progressista pela cultura, pela paz, etc.

A respeito da possibilidade de utilização das organizações legais para fins objectivos, há duas concepções: o Partido Comunista considera absolutamente estranhas à realidade.

1.ª — A de que é impossível defender os interesses dos trabalhadores ou realizar uma actividade de progressista por meio das organizações legais.

2.ª — A de que a luta legal pelas «pequenas coisas», não tem influência nenhuma na preparação das condições para o derrubamento do fascismo.

Podíamos apresentar mil exemplos que desmentem essas concepções. Limitamo-nos ao mais interessante, ao movimento dos pescadores de bacalhau, iniciado pelo Sindicato Nacional, pela pressão das massas. O que foi este movimento todos o sabem — uma autêntica greve geral de todos os portugueses que durou cerca de dois meses e que, se não terminou em triunfo, conseguiu, pelo menos, trazer algumas das reivindicações exigidas pelos pescadores, tais como o seguro de vida de 5.000\$300. Mas que é mais instructivo neste movimento, é que ele forneceu-nos a prova de que um simples movimen-

to económico pela defesa dos MAIS ELEMENTARES INTERESSES dos trabalhadores se pode transformar — esse transforma-se sempre — num movimento político de luta contra o fascismo.

A princípio, os dirigentes do Sindicato e a própria massa dirigiram as suas reclamações aos órgãos do Estado fascista, mostrando-se inteiramente confiantes na justiça do «Estado Novo». Os pescadores lutavam, apenas, como era seu sentimento, contra os armadores. Mas a breve tribo dos pescadores viram que tinham contra si todo o aparelho do fascismo.

E a luta, pela força das circunstâncias, elevou-se a um grau superior e tomou um carácter nitidamente anti-fascista.

O espírito da luta apoderou-se de trabalhadores anteriormente afastados de qualquer actividade política, transformando-os em combatentes heróicos, muitos dos quais preferiram arrotar a prisão a aceitar as miseráveis condições impostas pelo Grémio dos armadores. As mulheres foram, em multíssimos casos, as primeiras a dizerem aos maridos: antes morrer de fome do que assinar o contrato de servidão!

O governo pôde triunfar, mas foi obrigado a empregar métodos dum extrema violência que rompeu as ilusões dos pescadores, no fascismo e provocou o descontentamento da pequena burguesia, de intelectuais e até de alguns padres que em várias localidades se punham do lado dos pescadores.

A história do movimento operário conhece vários casos desta natureza. Na Rússia, por ocasião dos grandes movimentos grevistas do fim do século passado, um oficial da polícia de Moscovo, Zubotof, fez a iniciativa de criar organizações operárias que tinham por fim alistar os operários da luta política; mas, aconteceu que essas mesmas organizações eram forçadas, pelos operários, a declarar-se legais. Em Janeiro de 1905, uma das organizações policiais — sociedade dos operários russos das fábricas — de S. Petersburgo, foi obrigada, por exigência dos operários, a organizar uma manifestação que tinha por fim apresentar directamente ao tzar (imperador da Rússia) uma série de reivindicações. A frente da manifestação o padre Gapon (agente secreto da polícia). Os manifestantes empunhavam cartazes com vivas ao tzar e a petição já escrita em termos de cheios de reverência para o imperador. O tzar acolheu os manifestantes a tiro. Mais de 1.000 pessoas morreram nesse dia. Mas com essa gente morreram as ilusões monárquicas do proletariado russo e acendeu-se a Revolução.

A primeira Revolução russa começou nesse memorável domingo sangrento de 8 de Janeiro de 1905. No nosso país, infelizmente, não passou senão numa pequena medida do domínio dos pescadores. A causa reside essencialmente na fraqueza das organizações anti-fascistas que não souberam ou não estiveram em condições de apoiar este movimento e de organizar a solidarie-

A C.G.T. contra a unificação da classe operária

Por que razão a C.G.T. se recusa a agir em comum com as outras organizações anti-fascistas — por que razão a C.G.T. é a única organização anti-fascista que não aderiu à Frente Popular — por que razão a C.G.T. é contra a unidade sindical? Só encontramos uma explicação para a atitude da C.G.T. em relação à unidade sindical:

A unidade exigia que a C.G.T. adquirisse uma completa independência em relação a qualquer partido ou tendência ideológica. Ora a «Batalha», como ficou demonstrado pelo seu número de Julho, é um órgão da Federação anarquista lérica (F.A.I.). A unidade exigia que a C.G.T. e a «Batalha» deixassem de ser órgãos do partido dos anarquistas para serem órgãos dos trabalhadores portugueses. Nas condições, ante o dilema de sacrificar os seus interesses partidários ou de sacrificar os interesses da classe operária portuguesa, a C.G.T. não vacila — preferiu sacrificar os interesses da classe operária.

A C.G.T. para manter a sua falsa posição, já não vacila em se apresentar abertamente contra a unidade, apucando-a aos olhos dos trabalhadores. No referido número da «Batalha» vem um artigo onde se diz: «TODAS AS EXPERIÊNCIAS DE UNIDADE TÊM RESTRINGIDO AS POSSIBILIDADES REVOLUCIONÁRIAS».

Porá isto é duma falsidade a toda a prova. Foi depois de se ter realizado a unidade sindical que os operários franceses levaram a efeito importantes movimentos de que saíram vitoriosos, com importantes aumentos de salários, férias pagas, semana de 40 horas, etc., etc.

Hoje a C.G.T. francesa que conta mais de 5 milhões de sindicados, isto é, quasi cinco vezes mais do que tinham as centrais antes da unificação — é uma força poderosa na vida social da França.

A «Batalha», continuando os seus ataques contra a unidade, pretende fazer crer que a unificação que propomos não é «FRANQUEAMENTO REVOLUCIONÁRIO» nem «COMPORTA A RESOLUÇÃO DOS PROBLEMAS FUNDAMENTAIS DA REVOLUÇÃO NOSSA COM TEMPORANEIA».

Qual é nos nossos dias e no nosso país o problema fundamental da Revolução senão o derrubamento do fascismo e a ajuda ao povo espanhol, que luta contra o fascismo mundial?

E como mobilizar as massas trabalhadoras para a luta superior contra o fascismo se não se organizar a luta imediata pelas suas reivindicações? Ora os pactos de unificação que têm sido apresentados à C.G.T. têm sido como base fundamental esses pontos.

«A Batalha», tanto neste número como nos anteriores, fala muito de «Revolução» no uso duma liberdade que ninguém lhe contesta. No entanto, todos os os trabalhadores e particularmente os trabalhadores anarquistas têm o direito e o dever de exigir que a C.G.T. harmonize mais as suas palavras sobre a Revolução com os actos revolucionários.

A Revolução não se faz apenas com artigos inflamados. A Revolução organiza-se pela acção sistemática de cada dia, de cada hora.

Nós compreendemos muito bem que o facto de a C.G.T. não a ter desenvolvido se deve, em parte, à sua fraqueza, fruto natural da profunda ilegalidade em que vive.

Nós sabemos que isoladamente nenhuma organização tem força para realizar as grandes tarefas que se põem ante nós. Mas é precisamente por isso que nós propomos com tanta insistência a UNIFICACAO de todas as organizações proletárias, para que se possa passar da simples agitação à acção prática concreta.

E pena que se tenha perdido tanto tempo. Mas ainda há possibilidades de se corrigir os perniciosos erros.

A C.G.T. propoz a nomeação dum Comité para a coordenação da actividade das organizações sindicais. Precisamente neste momento é necessário fazer intensificar a actividade do povo português em favor do povo espanhol. Esse comité podia e devia desenvolver a agitação, organizar subscrições para o povo espanhol, organizar a luta, prática, contra a intervenção do fascismo em Espanha, etc.

Se a C.G.T. está na disposição de agir imediatamente, tendo em vista estes objectivos, deve fazê-lo, certo de que se impõe ao respeito de todos nós e em especial dos comunistas, em quem encontramos o melhor auxílio para a realização das suas tarefas.

Se não está, perde o direito de falar em nome dos trabalhadores e muito menos da Revolução, que na prática recusa a servir, e demonstra ao mesmo tempo que a sua «linguagem revolucionária» não passa de «fogo de vista» destinada a esconder a sua inactividade real. Os trabalhadores portugueses, particularmente os trabalhadores anarquistas, devem exigir imediatamente que a C.G.T. se una imediatamente às organizações sindicais do proletariado e se integre na Frente Popular para se conduzir a luta em comum: CONTRA A OFENSIVA DO CAPITAL, CONTRA A GUERRA, CONTRA O FASCISMO, PELO AUXÍLIO AO GLORIOSO POVO ESPANHOL QUE SE BATE PELA PAZ E PELA LIBERDADE DE TODOS OS POVOS.

de toda a classe operária portuguesa, transformando, assim, um movimento económico, iniciado por um Sindicato Nacional, num movimento de todos os trabalhadores e de todos os anti-fascistas contra a ditadura fascista.

Apesar disto, o movimento dos pescadores de bacalhau, cujos resultados ninguém pode contestar, demonstra:

1.ª — A possibilidade de organizar por meio das organizações legais — mesmo as que são controladas

pelo fascismo — a luta dos trabalhadores pela defesa dos seus interesses.

2.ª — Que os trabalhadores, ao lutarem pelos seus interesses, se educam revolucionariamente, se preparam para lutas superiores e entram, individualmente, em contacto com o fascismo, rompendo a base de massas deste e preparando as condições para a luta decisiva pelo derrubamento da Di-

Continua na 2.ª página

A intervenção do fascismo português

O «Diário de Notícias» de 11 de Agosto, barafusta porque a imprensa inglesa acusa Portugal de tomar parte na invasão da Espanha. Mas estes processos não são mais do que para inglês ver...

Toda a gente conhece a atitude de Portugal, e o próprio «Diário de Notícias», como de resto toda a imprensa, de vez em quando entra em confidências.

Todos se lembram do pomposo enterro do oficial do exército Afonso Barroso que morreu em Espanha. A imprensa não escondeu que ele, juntamente com outros portugueses, estava combatendo em Espanha. Uma vez por outras, os jornais publicam notícias como as: «Parte para Espanha, o comboio automóvel da Brigada de socorro aos voluntários portugueses que combatem nas fileiras nacionalistas» (ver «Diário de Lisboa» de 25-7-37).

No domingo, no Estoril, no tal comício anti-comunista, o administrador do concelho de Cascais, tenente António Cardoso, consagra as suas primeiras palavras aos portugueses que em Espanha se batem pela sua Pátria. Agora, a propósito da morte do aviador civil Abel I. essa, toda a imprensa civilizada, este aviador fez várias viagens a Sevilha, no princípio da sublevação dos generais traidores, transportando alguns cheques insurrectos. E mais noticiam que o seu avião «Agulha Branca I» foi vendido para Espanha onde ficou ao serviço dos rebeldes.

De que se admira, pois, o «Diário de Notícias» e confrades, se a imprensa estrangeira acusa o fascismo português de participar activamente no assassinato das mulheres e das crianças espanhóis?

A GESTAPO EM ACÇÃO

Acabam de ser expulsos da Inglaterra varios jornalistas alemães por se entregarem a espionagem ao serviço da GESTAPO (policia secreta alemã). Este caso provocou na Inglaterra uma indignação enorme. Em Portugal, os casos passam-se de outra maneira. A Gestapo tem lá os seus agentes e os seus serviços montados com toda a segurança. Ninguém os incomoda. A policia de informação, a imprensa e a Radio, são dirigidas por eles. Muita menina alemã que frequenta os cafés, para se relacionar com os imprudentes não são mais do que agentes da Gestapo. Ultimamente, esta policia até se lembrou de editar manifestos em português, com a marca das tipografias de Hamburgo. Salazar tudo consente, porque precisa de auxilio desses scariatos contra os trabalhadores portugueses.

Povo português. Todos unidos contra a invasão de Portugal pela Alemanha e contra os agentes da Gestapo e seus protectores Salazaristas.

PARA O S.V.L. 65\$00

Depois de leres este jornal não o destruas. Envia-o a um católico, a um legionário iludido ou a um militar.

Assim cumpriras com o dever do anti-fascista.

GRAVES ACONTECIMENTOS EM SACAVEM

Acaba de se produzir em Sacavem um acontecimento duma gravidade extrema. Em resposta ás reclamações dos aprendizes da fabrica de loiça, que pretendiam um aumento de salário á vários meses prometido e exigiam a libertação de dois camaradas injustamente presos, o fascismo pôs em prática as mais violentas medidas contra os operários e contra todo o povo de Sacavem. Pôs Sacavem em estado de sitio fazendo invadir esta pacifica população por tropas numerosas da policia, G.N.R. e policia da Informa armados de mais de 40 metralhadoras.

Depois de cercarem a fabrica espancaram violentamente os operários.

Foi tão barbara esta violencia que a mãe dum camarada, muito doente, faleceu, victima da comoção sofrida. Um camarada foi assassinado.

O povo de Sacavem, em péso, vibra de indignação contra estas prepotências do fascismo. E assim, esta luta que, a principio, se resumia na luta pela melhoria da miseravel situação em que se encontram os aprendizes, tornou-se com razão a luta de todo o povo de Sacavem contra o fascismo barba e assassino.

Não foi casualmente que a população de Sacavem ao ter conhecimento das dezenas de presos que se efectuaram na fabrica, tocou os sinos a rebate e compareceu em massa em auxilio da parte agredida. Graças á intervenção rapida e massiva do povo, foram restituídos á Liberdade 40 trabalhadores que já estavam sob prisão, ficando, no entanto, 25 que já tinham seguido para Lisboa.

Todas as pessoas honestas de Sacavem estão ao lado dos operários e vêem claramente a sua razão.

Quem poderá, depois disto, esconder a verdadeira cara de assassino do governo de Salazar? Quem acreditará mais na demagogia fascista? Ninguém, certamente.

Para todos é claro que o fascismo quer reduzir a população laboriosa de Portugal a simples escravos, sem vontade, e sem direitos de especie alguma. Mas a essa tendença bestial deve o povo trabalhador opor uma firme resistência organizada e uma vontade inquebrável de luta.

O fascismo éo inimigo fundamental de todos os povos. Trabalhadores da fabrica de loiças de Sacavem, não vos submeiteis á canga infamante que vos querem pôr.

Se fôsseis agora derrotados, os patrões desenteariam contra as vossas condições de vida a mais violenta offensiva.

Lutai até arrancar a vitória.

Povo de Sacavem. Este caso não interessa só aos operários das fabricas, mas a todos nós. Uni-vos todos, e como um só homem, exigi a liberdade dos presos!

Não permiti que tais violências se repitam em Sacavem.

Todos juntos lutar!

Pela libertação dos presos!

Pela solidariedade ás suas familias!

Pelo cumprimento das promessas feitas aos homens!

A invasão italo-alemã em Espanha

De novo pertence ao Exército republicano a iniciativa das operações militares. Em todas as frentes, são as tropas do Exército popular que atacam.

Na frente de Teruel, os republicanos tomaram, nos últimos dias, importantes posições, entre as quais se encontram Navaza e Frias de Albarracin. Uma forte pressão das tropas republicanas exerce-se actualmente sobre a cidade de Huesca. Na frente Norte, a artilharia republicana destruiu importantes trabalhos de fortificação dos rebeldes e occupou varias posições inimigas. Na Andaluzia os governamentais têm operado importantes progressos, desalojando os rebeldes de importantes posições estratégicas que elles occupavam na Serra Morena desde o principio da guerra tais como Retamello e Pico del Aguilá. Os governamentais tomaram a barragem de Guadalmellato que fornece uma grande parte das aguas para Córdova.

Os jornais fascistas portugueses, com o maior desencanto, annunciam as mais fantásticas victórias dos rebeldes, chegando a afirmar que reconquistaram completamente as posições perdidas com a offensiva republicana de Brunete. O cronista militar do «Diário da Manhã», mais circunspecto — para conveniência da sua causa, já se vê — afirma na sua chronica de 10 de Agosto: «Uma grave consequência ficou — da offensiva de Brunete — QUE NÃO FOI POSSIVEL DEBELAR AINDA: Tolher-se aos nacionalistas — leia-se fascistas — por periodo mais ou menos longo, a possibilidade de lançarem contra a capital o golpe que há muito vinham preparando e no qual concentravam tanta e tão justificada esperança».

Vê-se, portanto, que o plano do general Miaja triunfou por completo, pois destruiu os planos dos fascistas de atacarem Madrid.

Renunciar á acção no seio dos sindicatos retrogrados é abandonar as massas operárias insufficientemente organizadas ou atraídas á influencia dos militantes reacconários, dos agentes da burguesia, da aristocracia operária, dos operários aburguesados»

LENIN

U. R. S. S.

A colheita deste ano, na União Soviética, ultrapassa as colheitas de 1913 e 1934 que são as maiores de todos os tempos na Rússia. Em 3 de Agosto, 44 milhões 742 mil hectares de cultura de cereais tinham sido ceifados. Na maior parte das regiões cerealiíferas a média da colheita do trigo foi de 15 a 20 quintais por hectare. No distrito de Dniepropetrovsk, muitas «colheitas» (empresas collectivs dos camponeses) obtiveram médias de 30 quintais.

Uma colheita record foi obtida na região do Mar de Azol, onde o brigadeiro Kostchenko, do colosso XVII Congresso do Partido, conseguiu recolher 73 quintais de trigo por hectare (em Portugal, a média da colheita do trigo durante os annos de 1929 a 1933, inclusive, não chegou a atingir 8 quintais e no anno de mais intensa produção, 1934, 12 quintais por hectare).

A produção na União Soviética, cresce duma forma nunca vista pela humanidade porque, pela primeira vez, os camponeses podem aplicar em virtude do sistema collectiv, todos os cuidados que as culturas carecem e, também, porque o aumento da produção significa a abundância e a felicidade, ao contrario dos países capitalistas onde uma boa colheita significa a fome e a miséria para os camponeses.

Em 1934-35, os camponeses de Portugal, porque as colheitas foram abundantes, viram o seu trigo apodrecer e foram obrigados a vendê-lo á sucupa aos preços mais miseráveis. O próprio Estado Novo vendeu para o estrangeiro o trigo por meios de metade do preço, á custa dum novo imposto lançado sobre os camponeses durante meia dúzia de annos. Na União Soviética, porque os operários e camponeses estão no poder, as coisas passam-se de outro modo. Este anno, o governo resolveu reduzir a norma de entrega de trigo ao Estado, ficando os camponeses com uma maior quantidade para venderem livremente. A ém diáso, o governo resolveu baixar o pagamento dos trabalhos agricolas feitos ás «colheitas» pelas estações de máquinas agricolas.

Aumento de produção, baixa geral de preços, baixa de impostos, aumento de salários, aumento do conforto e do bem estar — tal é a norma do país onde não existem grandes capitalistas nem grandes proprietários.

Tal é a norma do Socialismo a que o Partido Comunista sob a direcção do grande Chefe Staline conduziu a antiga Rússia.

Amigos do Partido

Um grupo Acta	64\$00
Um leitor do Av.	5\$00
Amigos Liberdade	10\$00
Jóí	3\$00
S.O.	5\$10
Corlacho	5\$00
Munção	5\$ 0
Um cartão (trazado)	5\$00
Um fraco (material)	130\$00
TOTAL	234\$00

PRÓ C. V. ESPANHOLA

161	10\$00
L.X.	20\$00
Amigos de Texas	19\$00
TOTAL	49\$00